

de passageiros a habitantes: experiências de uma estrada-escrita

andresa augstroze

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Andresa Oliveira Augstroze Aguiar

de passageiros a habitantes: experiências de uma estrada-escrita

Trabalho de Conclusão do Curso
de Bacharelado em Artes Visuais.
Orientação: Prof.^a Dra. Karina Dias.

Brasília — 2020



se um ano tem 52 semanas, posso dizer que nos últimos 5 anos, em pelo menos 330 vezes (ida e volta), habitei alguma estrada. e em todas essas vezes, habitei também uma estrada-escrita. em 66 delas escrevi de um ônibus que, apesar de coletivo, me isolava. os ambientes muito compartilhados carregam por vezes certa hostilidade, pela instabilidade desse compartilhamento que demora a se assentar. 66 vezes não foram o suficiente. durante as outras estimadas 264 vezes, peguei carona em ambientes mais íntimos. experiência transformadora de escrita - adentrar o local (carro) de outro e habitar, em conjunto e em troca, um espaço de passagem. é daqui que pretendo escrever - ou viajar. morar em duas cidades, Brasília e Goiânia, ao mesmo tempo, parece ser uma experiência complicada quando a história é contada a partir da habitação de extremidades, envolvendo rasgo constante entre localidades e vivências descontínuas. mas, durante a viagem, tudo parece fácil: durante essas horas, habito somente aqui. e me demoro.

km 206. ou km 0. (ritmo: escrita; sotaque: nenhum). território inicial em vista. horário de partida, contato com a via: 16 horas e 24 minutos. indo em direção ao nordeste, sinto o sol que bate forte pelo oeste. à medida que

o ponto zero fica para trás, o sol desce modificando a paisagem, atravessando as tonalidades de mato seco, atravessando o território também como um passageiro. porém, não ilumina tudo, a luz ainda não é absoluta.

a visão é a primeira a ser seduzida e provocada na viagem, pela quantidade de detalhes até o horizonte. mas é importante olhar em volta ao chegar na estrada a ser percorrida, para antes da paisagem, para mais perto,

a fim de perceber a própria posição em relação ao que cria movimento e realizar um controle de danos, em caso de impacto ou perda. seria essa a tentativa de determinar orientações de segurança para o leitor-

passageiro. instruções de aviso e perigo aconselham certa distância que o passageiro deve tomar do objeto, alertando para a possibilidade de ferimentos graves. tomar distância das palavras é necessário para perceber

o todo, para perceber a cápsula que as transporta, se situar quanto a ela e se proteger, mas não há como sair ileso. a inércia atua em altas velocidades e afeta esse leitor. não pode ser controlada e deve ser constantemente

percebida, como lembrete das variações do movimento contínuo. ajustada a distância, agora preciso pensar nos objetos que, se soltos, podem voar. a ferida parece iminente, mas talvez haja perda permanente. se

voarem, talvez se apropriem da inércia imposta e continuem o próprio caminho, para longe, pois a movimentação é viciante. há algum objeto mal assentado? alguma palavra à deriva? e agora, o mais importante:

o motorista é prudente? definitivamente não. com objetivos e vontades ímpares, a escrita conduz o caminho. toma o volante, escolhe a direção e anda em seu próprio tempo e ritmo. estabelece palavras e parábolas que

são substituídas constantemente em sucessão e viram linha, que se relaciona com os horizontes em vista. sou mera passageira e estou, desde já, esperando o acidente. pode chamar de premonição, ou de costume de

escritor: não será daqueles acidentes que causam simples morte, mas daqueles que causam morte e retorno. daqueles que nos obrigam a não desviar do que se coloca em nossa direção, como um reflexo que também

aguarda, durante sua travessia, o acidente, apontando para um destino esperado. a morte desejada. a escrita, assim como a viagem, e ainda mais, uma estrada-escrita, é sempre experiência mortal. materializa o destino,

ou acidente, premeditados. a escrita, inabalável, geralmente foge da cena do crime e continua em direção a um outro fim. é necessário ficar atento para retornar logo e alcançá-la, sem acusações. já vivendo o caminho,

chegam involuntárias lembranças do que restou de outras viagens, vestígios da sobreposição de pensamentos que esse mesmo trajeto provoca, resquícios de escritas anteriores. e, novamente, penso que cronologia é essa

que me faz querer começar a não ser daqui? como encontrar a primeira palavra, primeira frase, primeira linha? como conceber a minha cronologia? cronologia estranha que me faz querer ler logo a última palavra,

trapaceando. essa curiosidade ocorre por já estar segura da chegada de um fim, mesmo que se forme apenas no caminho. mas querer ler a última palavra é outro tipo de premonição. é buscar a palavra que pretendo

reconhecer ao me conhecer, pois como diz octávio paz: “quando um poeta encontra sua palavra, logo a reconhece: já estava nele. e ele já estava nela”. nesse processo de reconhecimento deve-se demorar, demorrer,

demeurer ou habitar (essa é a beleza da palavra francesa, só se habita onde se demora, como diz heidegger), fazendo nascer o caminho e fazendo também com que todo passageiro se torne habitante, receando

simplesmente passar. ansiando, mas ao mesmo tempo receando achar a última palavra, reconhecível palavra que firma algo único e irremovível, irrefutável, irremediável. palavra última, ponto de chegada que consolida

poema e trajetória. considero a importância de cada vocábulo, cada mot. mot é palavra francesa que significa palavra. em sua etimologia, carrega o latim muttum, origem também de mutmut ou murmúrio. mot se difere

de parole, outra palavra francesa para palavra. mot é a palavra sem frase, sem contexto. é palavra isolada que abarca todos os murmúrios de possibilidades. mot é palavra-deriva, lançada na estrada a sorte própria. quando

o fim do trajeto chega, todas as palavras-deriva já se transformaram em parole, que se relaciona em frases com contextos denotados. se torna inamovível. ainda com octávio paz, “impossível ferir o vocábulo sem ferir

todo o poema”. sou apenas passageira, à mercê da aceleração da escrita. não posso revolvê-la. impossível voltar atrás. o que passou pela janela se foi, o que se escreve foi escrito. apagar não resolve. o traço deixa

rastros, presença lembrada, ausência consolidada. como uma primeira resposta à poesia, para derrida: a economia da memória. é movimento de retorno das inscrições apagadas, forçadas ao inconsciente, que nunca

somem de fato. o movimento de passagem pela janela, ou da tentativa de esquecimento, acompanha o horizonte da paisagem que vejo. se localizam entre essa linha - do que está aqui e do que já foi, do que é consciente e

do que não é mais. ocupam dois lados de um horizonte que não é linear, é elíptico. esse movimento não tem centro único. desprovido de radialidade, a elipse supõe movimento através da tensão que provoca. tem caráter

daquilo que muda constantemente, mas que retorna e se repete. não deixa esquecer. e agora já tenho alguns quilômetros desenhados, ou escritos. a escrita é piloto e é, ao mesmo tempo, estrada. a escrita é esse

movimento. como se cria um método alinhado, sobreposto, difuso ao fazer artístico? escrever cria percursos que agregam sentidos quando sobrepõem o caminho já trilhado, repetidas vezes. a escrita atravessa a página

em branco, em movimento projetivo e retrospectivo. em premonição e em economia da memória. essa sobreposição não é acima nem abaixo do trabalho plástico, ela acontece em seu cerne e em suas bordas, ao

mesmo tempo, e cria uma multiplicidade de tempos e sujeitos, existentes em vários momentos da produção. é dizer o trabalho, encontrar os termos. encontrar as palavras-deriva em sua transformação. assim como

ponge diz em métodos, o que quero dizer aqui é exatamente o que consigo dizer. se não, teria feito de outra forma, que não essa, em outros termos. mas não é possível. foram essas as palavras que encontrei no caminho

e são essas que me dizem. se fosse outro caminho, seriam outras palavras, e eu aprenderia de outra forma. lembro quando ponge diz que “isso, aliás, todo mundo aprende nos seus termos e, com facilidade, aprende de

cor”. “aprendre par coeur”, na língua original do texto, se torna “aprender de cor”, ou “decorar” traduzido do francês. mas ao buscar a frase sem traduzi-la, soma-se um outro sentido: de aprender pelo coração. aprender

pelo ritmo que pulsa, pelo caminho da viagem, pelo encontro possibilitado, pelo desejo de decorar algo do outro e graças a ele, poesia ditada que por fim se estabelece em mim, nos meus próprios termos. como uma

palavra-imagem, ou uma segunda resposta à poesia, para derrida: a aprendizagem pelo coração. avisto a palavra-deriva coração, correndo riscos na travessia da estrada, também aguardando o acidente. coração ou

no espanhol corazón, francês cœur, italiano cuore, romeno cord, inglês heart, alemão herz, islandês hjarta, grego antigo καρδία, sânscrito हृद् , galês craidd, armênio սիրտ, russo сердце e lituano širdis. palavra-deriva

envolta em todos esses idiomas, ou, para derrida, um “único trajeto de múltiplas vias”. um único trajeto, mesmo pedaço de terra, mas a cada viagem uma nova perspectiva nasce, ditada, para ser novamente decorada.

o que exige que eu continue nessa via? que alteridade se encontra perto, tão perto de si, de mim, que evidencia as distâncias? -----escrever em linha. em metros. presenciar em

instância máxima o horizonte da escrita. escrever em quilômetros. qual quilometragem é necessária para dar a volta? logo, percebo que essa quilometragem se encontra, em prática, fraturada. fragmentada infinitamente.

chega o pedágio. km 108. as marcas de pneu na pista são incontáveis. antes de cada radar, de cada pedágio, de cada Quebra-Molas, incontáveis alteridades, cada qual com sua marca, bem visível, experienciando essa

mesma viagem, e ao mesmo tempo ainda uma outra. não se dão conta da inércia, até serem obrigadas a isso. também derrapo. 14x, 13x, 12↓, 11↓, 10x, 09x, 08↓, 07x, 06↓, 05x, 04x, cobrança automática. pedágio não é

fronteira territorial, mas é barreira física que lembra que o movimento contínuo pode ser interrompido quando encontra um movimento contrário ou uma paisagem cárcere (ou paisagem prisão para achille mbembe), que

demanda o controle dos corpos descentrados. pedágio demanda pagamento em troca da liberdade da movimentação. deve-se pagar para continuar a viagem. o que a escrita tem para oferecer? do que essa escrita

abre mão quando é posta em marcha? ela passa pela cobrança automática. a escrita, a todo momento, abre mão das palavras-deriva. palavras-deriva se colocam em nossa direção ao fazerem a travessia da via, pois

aguardam ansiosamente o impacto que fornecerá a inércia necessária para que elas passem a se movimentar. o impacto do atropelamento, da escolha de colocar a palavra em um contexto, lança a palavra-deriva em

parábola, em um processo de transformação em parole. as palavras-deriva deixam de existir como palavras descontextualizadas, e agora existem inseridas em frase, em trajeto, como palavras-entroncamentos. palavras

que não são mais vagantes isoladas, agora participam de um conjunto que se movimenta. essa é a barganha da escrita. como manter as palavras-deriva? algo resta dessa transformação, como os sentidos perdidos, não

denotados aos contextos das frases. e o acidente acontece. o acidente vem acontecendo desde a primeira palavra, primeira frase, primeira linha. desde o início da movimentação há atropelamento, acidente, ferida,

transformação. passa o pedágio. documento fiscal equivalente in rfb 1731 concebra-conc. rod. centr. do brasil sa goianópolis cpnj: 18.572.225/0001-88 dfe 20021216027661318 ajtd placa: pqc6551 pista: tp12n oper 3636

15/10/2020 17:01:12 col automóvel r\$ 1,90 dinheiro o eixo suspenso conforme a lei 13.103/2015 cálculo estimado dos tributos 8,65% associe placa e cpf/cnpj em até 7 dias úteis no site www.triunfoconcebra.com.br/dfe.

coleciono notas fiscais dos pedágios para nunca esquecer de cada viagem e de cada pensamento que foi interrompido pela pressa de pagar para poder continuar a pensar. talvez interrompa de fato o

pensamento, em uma fechada de olhos, pois me cansa acompanhar escrita que tem vida própria

- - - - -

Quebra

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

Mola

- - - - -

quando tem Quebra-Molas, existe alguma habitação. com a distância, a paisagem se transforma. os territórios

abraçam tipos diferentes de morada. geralmente, habitações maiores ficam isoladas, cercadas, ilhadas, sempre se distanciando de um estrangeiro que pode, potencialmente, ser ameaça. as menores, frequentemente, são

grudadas umas nas outras, com maior senso de comunidade e recepção. provavelmente, não por escolha. em um lugar mais a frente, distante de tudo, sem quebra-molas-anúncio, há uma construção: terreno não

demarcado, aberto, quatro paredes pequenas, sem acabamento, um teto e não há nenhuma porta. no anúncio, escrito à mão, com tinta, lê-se: vendo ou troco. não há número de telefone. imagino que tipo de permuta

é desejada por uma casa sem porta e um terreno sem demarcações. talvez, por isso, o proprietário seja um tanto hospitaleiro. quem sabe a troca por uma escrita, já que a verdadeira hospitalidade porventura

aconteça ao fazer do texto a casa e convidar um leitor para percorrê-la. convidá-lo a ser outro passageiro que se demora, que não passa simplesmente. chega o segundo pedágio. km 43. 07x, 06x, 05↓, 04↓, 03x,

02x, cobrança automática. as distâncias me parecem relativas, possuídas de uma escala variável. tento contar para também me demorar, inventariando: um retorno, dois cavalos, três pneus abandonados, quatro

notas fiscais, cinco carros vermelhos, seis faixas, sete caminhões, oito árvores queimadas, nove palavras lidas e perdidas no segundo seguinte. agora, zero movimentação. documento fiscal equivalente in rfb 1731

concebra-conc. rod. centr. do brasil sa alexânia cpnj: 18.572.225/0001-88 dfe 1001071602764168 r5nt placa: pqc6551 pista: tp12n oper 3167 15/10/2020 17:46:47 col automóvel r\$ 2,90 dinheiro o eixo suspenso conforme

a lei 13.103/2015 cálculo estimado dos tributos 8,65% associe placa e cpf/cnpj em até 7 dias úteis no site www.triunfoconcebra.com.br/dfe. as cidades passam e seus nomes viram escrita. pelas notas fiscais, partes

inseparáveis do caminho. km 41. horário 17:49. vem chegando o poente. sol quase perfeitamente angulado que iluminará não só toda a paisagem em frente com cor de ouro, seduzindo em domínio máximo a visão, mas

iluminará também, de forma horizontal, a própria escrita. é importante olhá-las com cuidado. nesse momento de absoluta luz, deve-se evitar a disputa entre a (in)visibilidade da escrita e da paisagem para perceber o que

transparece nesse instante. a relação entre paisagem e escrita é ficção em movimento constante. agora, me vejo cercada de horizontes: da paisagem, da escrita, da experiência que se converte aos poucos em memória,

da intimidade das transformações. rápido como veio, o sol se vai, lembrando que por mais que habite o caminho, todo passageiro passa e tem um fim premeditado. a luz se dispersa, levando com ela quase todos

os horizontes. outro território se forma com o eclipse das formas na noite escura e em meio ao que parece ser nada. mas a paisagem insiste através da não pictorialidade da existência. com a visão comprometida,

apuram-se os ouvidos. há um murmúrio incessante que se forma antes da presença concreta, que se encontra agora ausente. a única visibilidade que persiste, em tais condições, único horizonte que resta, sólido e firme,

expandido em elipse, é sempre o horizonte da escrita. e eu retorno. (ritmo: estrada-escrita; sotaque: carioca, nordestino, paulista, goiano, brasiliense, brésilien). outro território inicial em vista. o sol retorna e bate bem a

frente, a nordeste, ameaçando se lançar diretamente sobre os olhos a qualquer momento, causando instantes rápidos de cegueira que fazem a viagem, por vezes, se perder pelo lampejo. talvez alguma continuidade

se encontre prejudicada. quando não atingida pelos lampejos, de volta ao momento de claridade e após ter testemunhado o eclipse total da visão, assombrada por murmúrios que fizeram o pensamento retornar muitas

vezes, me prendo à paisagem antes de tudo. Sem mais controle de danos, sem tentativa de apaziguar impactos ou perdas. a paisagem não se vê mais tanto em cor de ouro, mas contra o sol deixa transparecer suas sombras

suaves. paisagem familiar, não a mesma, quase. o olhar foge, para além das cegueiras instantâneas e das silhuetas escurecidas, para as entradas e bifurcações que rasgam a natureza que parece rígida ao tomar a

margem vista da estrada. entradas que parecem poder conceder caminhos alternativos, possibilidades que não são a via principal, cada uma estabelecida a partir de um portal, uma porteira, uma cancela, ou apenas a

estrada de chão, desprovida de adornos. fico com vontade de transpassar alguma entrada, torcendo para que algum atalho se revele repentinamente, algum buraco de minhoca que transporte para qualquer ponto em

frente. a escrita me mostra como habitar os caminhos escolhidos e como há a possibilidade de achar vielas escondidas. entretanto, me encontro em um constante acho-que-já-vi-isso-antes. a sensação de repetição é

esperada, em um movimento de resgatar, pelo contato com a via, o que sobrou do que já foi pensado em outros trajetos que também suscitavam movimento. em francês, a palavra “pensamento” (pensée) é escrita da

mesma maneira que o verbo “pensar” conjugado no passado. o pensamento é algo já existente, ou que remete e resgata algo anterior, se estabelecendo em sua repetição. o pensamento é coisa já pensada. a repetição

vai fazer parte, em outras palavras, novamente de um novo caminho, e novamente de alguma memória.

----- o ritmo da viagem varia muito. a escrita cria um campo gravitacional que adequa tudo à ela.

a língua é formada por engrenagens que devem ser postas em marcha para que engate no movimento de fala, de escrita. assim como um carro, cada marcha dessa língua tem o seu ritmo, o seu som, sua velocidade ideal.

cada consoante tem o seu lugar, dos sons mais externos aos sons mais profundos. das consoantes labiais às consoantes glotais, a estrutura da língua também se movimenta, em marcha, em prosódia. vou, aos poucos,

entendendo esse ritmo e separando o passo de cada consoante

na primeira marcha: o pa, ba e ma

na segunda marcha: o fa e va

na terceira marcha: o ta, da, ra — do r na aresta da língua — sa, za e la

na quarta marcha: o cha e ja

até à última marcha: o ca, ga e ra que arranha fortemente a garganta

na garganta, deve-se ter cuidado com o engasgo. o ritmo vai de encontro ao que é visceral e é na glote que ocorre o engasgo, ou a não formação da palavra, impedindo a comunicação e o deslocamento. porém,

mesmo frente ao engasgo, confio no processo dessa transformação do espaço físico e temporal em espaço de ateliê. a viagem possibilita espaço de atuação e descrição, de comparação e de resgate. reparo muito no que

utilizamos para trilhar o trajeto, nas coisas que viajam, mas que, após perderem a sua função principal, ainda tem o caminho marcado em si, carregando para sempre a movimentação inconsciente no seu descanso. o

pneu, objeto utilizado em contato com o chão para viajar, frequentemente encontra a morte de sua atribuição, ficando abandonado nas beiras de estrada. após sua aposentadoria pode ainda habitar o caminho de uma

maneira: adquirindo a função de sinalização, com escritas marcadas em si - “seja bem-vindo”, “borracharia”, ou “bom descanso”. o pneu, anteriormente utilizado para traçar e percorrer caminhos, depois da jornada,

obtem a função de sinalizar a chegada. a apropriação da palavra permite a permanência. fiz algumas viagens só para achar pneus. em várias paradas, procurei o pneu com a história mais atraente. estava sozinho ou em

grupo? quantos rasgos possuía? estava completamente vazio ou era morada para algo? por onde se moveu? e, ainda, após a viagem, o que sinaliza a volta para casa? talvez um pneu escrito “demora, origem da casa”, que

continua a ser, habitando. agora se demora. a volta para a casa, que demora, porque o passageiro também reside no caminho, e o demorar-se na própria casa, após a chegada, através de memórias. o que serei eu, você,

após a viagem, depois de deixarmos de ser viajantes que habitam? de quais palavras me apropriaria para virar sinal? chega o pedágio. me preparo para aumentar uma coleção, que já possui centenas de comprovações. vai

se aproximando aquela outra cancela, outra passagem que me lembra não uma escapatória, mas a própria cela. km 43. 08x, 09x, 10↓, 11↓, 12x, 13x, 14↓, cobrança automática. documento fiscal equivalente in rfb 1731 concebra-

conc. rod. centr. do brasil sa alexânia cpnj: 18.572.225/0001-88 dfe 1001121602782457 srey placa: pqc6551 pista: tp12s oper 3152 23/10/2020 16:38:47 col automóvel r\$ 2,90 dinheiro o eixo suspenso conforme a lei 13.103/2015

cálculo estimado dos tributos 8,65% associe placa e cpf/cnpj em até 7 dias úteis no site www.triunfoconcebra.com.br/dfe. apesar da paisagem-prisão, andar pelo trajeto é sempre possibilitar o encontro. mas o encontro

não acontece simplesmente. é necessário perceber e se libertar do cárcere. transgressão é ir além, atravessar. viagem é possibilidade de encontro, mas somente através da transgressão de si, da cela, do outro, acontece

a palavra. o trajeto sem ela é silencioso. quando se faz a palavra, em viagem, acontece tripla transgressão: da paisagem-prisão (ao desafiar o território e regulações impostas, que são transpassadas pelo viajante), a

transgressão infligida pela própria palavra em um outro corpo ou outro eu (o encontro pela palavra que destrói o silêncio a partir do múltiplo) e, ainda, a transgressão da página (página em branco atravessada pelo traço

da minha escrita, que se distancia a cada palavra da ideia do que achava que era, pois só se descobre de fato no caminho). já diz o nome: palavras-entroncamentos, ou parole. é na encruzilhada, confluência de vias,

o fenômeno do encontro. falar ao outro é provocar a escuta, silêncio rompido que transfere algo do falante ao ouvinte. ou da escrita ao leitor. palavra é encontrar o outro, interromper um outro trajeto com o seu, em

cruzamento, infusionando locutor em interlocutor. de qualquer forma, é necessário pensar na língua usada para trilhar a viagem. imagino o quanto seria perigoso descer, aqui e agora, para aguardar na beira da estrada a

oportunidade de pedir carona em outra língua. seria possível? pedir para ser transportada em outra língua, que não a minha? habitar em outra cápsula sem entender a direção que ela toma? será que entendo em que direção

estou agora, em que língua me encontro? a linguagem desse viajante é formada pela múltipla transgressão, da paisagem-prisão, do encontro e da página. a língua desse viajante deve ser a língua que habita fronteiras. a

língua que não se deixa traduzir em qualquer idioma, mas que cria uma série de neologismos na tentativa de experienciar esse trajeto. neologismos, palavras novas, recém-formadas frequentemente pelo encontro com

outras, mas que carregam partes do sentido que possuíam anteriormente e se relacionam mutuamente, mas não se fundem e nem se invalidam. formam tensão, alargando sentidos e criando uma lacuna um pouco maior no

traço da fronteira. neologismos de fronteira. a fronteira pode ser entre páginas, entre línguas, entre territórios, mas essa postura pensa sempre em ser linguagem daquele que vai e vem entre um texto e outro, que viaja

nas páginas. uma postura viajante e do viajante, agrupando territórios diferentes em cada palavra. palavras que são colhidas durante a viagem, entre o encontro, a colisão e o atropelamento, numa espécie de caça

em ambiente que você se lança quando viaja. caça que tira o sapato que cabia confortavelmente, que já era amaciado e domado pelo pé, pois encontra, por contato com o território, palavras que não podem ser domadas

e tão pouco calçadas, explicitando que esse caminhar agora é deslocado. calcante já penetrado por alfinetes e agulhas que impossibilitam o lugar próprio e cômodo. impossível ser de fato calçado, abraçado, protegido,

colocando o viajante novamente a procura, novamente na estrada, em outra ida. contaminado por aquilo que o alfineta. escrita que não se adequa, nem ao escritor, nem ao leitor. chega o pedágio. sim, sempre inesperado,

sempre em interrupção. km 108. 14x, 15x, 16↓, 17↓, 18x, 19x, 20↓, 21x, 22x, 23x cobrança automática. documento fiscal equivalente in rfb 1731 concebra-conc. rod. centr. do brasil sa goianópolis cpnj: 18.572.225/0001-88 dfe

1001121602782457 srey placa: pqc6551 pista: tp12s oper 3152 23/10/2020 17:32:37 col automóvel r\$ 1,90 dinheiro o eixo suspenso conforme a lei 13.103/2015 cálculo estimado dos tributos 8,65% associe placa e cpf/cnpj em

até 7 dias úteis no site www.triunfoconcebra.com.br/dfe. sente o peso? o acúmulo de palavras que encontrei em minha língua, e ainda em uma outra? qual vocabulário criei, em viagem? quais palavras se fizeram

porto?

seriam

pro antinomia

ven escrita

d'ella una

jus conjuntos

else encontrados

e de morrer

faria uma viagem só com esses neologismos de fronteira, mostrando quantos sentidos nascem a partir do encontro dessas palavras-deriva. quem sabe encontrem depois ainda outras, em outras línguas, e formem

nova linguagem para aquele que esteja contaminado por elas. será que se sentirá estrangeiro ou habitante nessas palavras que para mim são tão íntimas? atenho-me novamente à paisagem, como uma forma de adiar

o inevitável pela contemplação, tentando ter tempo de construir uma defesa para o abismo, premeditado fim que se aproxima a cada espaço. essa linha do horizonte que se forma tal qual como a da escrita também

parece querer traçar sua experiência. a experiência que não é efetivamente da paisagem, mas do próprio viajante, que se vê refletido. fotografo para deter algo. lembro que da minha vontade de fotografar esse

horizonte, nasceu a escrita. fotografia panorâmica parece adequada para a paisagem que encontro em frente, aos lados, atrás, em elipse. recurso tradicionalmente utilizado a partir de um ponto fixo, para alongar a foto

e abranger o máximo possível de detalhes do ambiente horizontal. entretanto, aqui não há ponto fixo, utilizo o panorama em movimento. os solavancos, acelerações, freadas e acidentes ficam registrados como falhas

na própria fotografia, criando uma imagem que transparece o movimento. a paisagem escreve, pela luz, a ficção que o passageiro espelha nela. a viagem é sempre ficcional. sempre uma experiência particular, que

morre e revive a cada metro assim como morre o passageiro que faz morada em cada passagem. a viagem é sempre projetiva, tentando de alguma forma acertar premonições daquilo que vêm a frente, mas também

retrospectiva. tem presença por tempo indefinido, maior que o tempo do percurso. desde a primeira palavra, primeira frase, primeira linha, há a tentativa de construir um escudo para a queda. a ânsia e o receio de achar

a última palavra formam a tensão que permitiu o tempo necessário para que esse escudo surgisse, pela escrita. chegará em breve o baque que paralisa esse movimento contínuo, o vazio que aqui, não é seguido por epílogos.

o fim é de fato o fim esperado. mas, na verdade, o fim não é parede que interrompe movimento, é uma queda em um abismo não-delimitado, onde resta o desaparecimento das palavras. depois da última palavra

o abismo engole tudo, mas não é esquecimento. chegar no abismo é ter consciência do fim em espera pela transformação em memória. há possibilidade de manter algum movimento na imobilidade e de um dia retornar

e partir novamente, habitando como um outro um novo horizonte de uma nova escrita. km 0. ou km 206.



bibliografia: DERRIDA, jacques. che cos'è la poesia? revista inimigo rumor, rio de janeiro, n.10. _____. le monolinguisme de l'autre ou la prothèse d'origine. paris: galilée, 1996. HEIDEGGER, martin. construir, habitar,

pensar. 1954. disponível em: www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf. bauen, wohnen, denken. 1951 conferência pronunciada por ocasião da “segunda reunião de darmstadt”, publicada

em vorträge und aufsätze, g. neske, pfullingen, 1954. tradução de marcia sá cavalcante schuback. FOUCAULT, michel. linguagem e literatura. in: machado, roberto. foucault, a filosofia e a literatura. 3. ed. rio de janeiro: jorge

zahar editor ltda., 2005. p. 139-174. PAZ, octavio. o arco e a lira. são paulo: cosac naify, 2012. PONGE, francis. métodos. rio de janeiro: ed. imago, 1997. TANNER LECTURES ON HUMAN VALUES, 2018, yale university. borders

in the age of network [...]. [s. l.: s. n.], 2018. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkm6hpcxdy>.

Tipografia Rokkit (Vernon Adams)

Capa Papel Couché 300g/m²

Miolo Papel Avena 90g/m²

Impressão Preview Soluções Gráficas (Goiânia)

Tiragem 04 exemplares

